

A CONSCIÊNCIA DE ALTO MAR*

Mauricio Mutos
PUC-Rio

- **RESUMO:** *Ensaio crítico acerca da transição da concepção medieval do mar para a moderna, por meio da análise comparativa estabelecida entre Mensagem, de Fernando Pessoa; Opiário, de Álvaro de Campos e Os Lusíadas de, Luís de Camões.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Comparação; Mar; Poema.*
- **ABSTRACT:** *Critical text about the transition of medieval conception of the sea to the modern one, by the comparative analysis established between Mensagem by Fernando Pessoa, Opiário by Álvaro de Campos and Os Lusíadas by Luís de Camões.*
- **KEY WORDS:** *Comparison; Sea; Poem.*

*Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso Actual...
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.
Álvaro de Campos — Ode Marítima*

Sobre a estância 106, que encerra o *Canto I* d' *Os Lusíadas*, escreve o ilustre camonista Hernâni Cidade:

Estes versos abrem, no princípio do poema, a perspectiva da luta contra as fatalidades cósmicas, que será a novidade da epopéia empreendida. Dão como que o *lamiré* da grande orquestração de sibilos de ventos e fragor de vagalhões que n' *Os Lusíadas* ressoará, e fazem adivinhar, como em escape antecipado, a **poesia intrínseca da dura inquietação da alma e da vida, que levou o Homem**, à custa de

* Este ensaio corresponde ao segundo capítulo de nossa Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, intitulada *1572 — O mar e o moto (a modernidade n'Os Lusíadas)*, defendida no Dep. de Letras da PUC-Rio, em março de 1998.

· todos os trabalhos, dores e derrotas, a *quebrantar os vedados términos*. (Cidade, 1995)

[Grifos nossos]

Acreditamos lícito que a mencionada *inquietação da alma e da vida* possa ser interpretada por **desejo**, palavra que no decorrer d'*Os Lusíadas* aparece vinte e sete vezes, além de suas variações que, somadas, ocorrem em mais cinqüenta e seis momentos.¹ Aceita esta associação, podemos dizer que, segundo Hernâni Cidade, o que move a epopéia camoniana, desde o *Canto I*, é o **desejo**. Mas apenas isto não basta, fica uma questão: **desejo** de quê? Uma leitura “imediate” da epopéia poderia conduzir à suposição de que este **desejo** tem por objeto a **terra** para onde historicamente ruma a esquadra do herói do Poema, ou seja, o *Oriente*, notório destino de Vasco da Gama. Todavia, não nos parece que esta conclusão seja legítima, como pode parecer, por exemplo, se tecermos nosso julgamento por meio da leitura isolada da seguinte estância:

Ora vê Rei quamanha terra andámos
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem sinal,
Da **desejada parte Oriental**. (V,69)² [Grifos nossos]

¹ Cf. verbetes utilizados: *desejado, desejar, desejo, desejoso*.

² Para as citações dos versos d'*Os Lusíadas*, utilizamos a lição reproduzida na edição fac-similada da *princeps* (pois, segundo Jorge de Sena, “ai se entende tudo o que os gramáticos têm conseguido que não seja entendido”: SENA, Jorge de. *Trinta anos de Camões*. volume I. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 31, nota 9), seguindo os critérios de transcrição e atualização ortográfica adotados por Cleonice Berardinelli para a edição dos sonetos de Camões. Cf.: BERARDINELLI, Cleonice. *Sonetos de Camões — corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Mota Berardinelli. Lisboa — Paris: Centre Culturel Portugais / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, pp. 52-3. e CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Impresso com licença da Santa Inquisição, e do Ordinário: em casa de Antonio Gonçalves Impressor, 1572 (edição fac-similada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1995).

Tal interpretação revela-se, imediatamente, simplista — ao menos incompleta — quando lemos, cinco cantos adiante, a treze estâncias do encerramento da epopéia, a narração do momento em que a **terra** pátria é avistada pelos — há muito desterrados — navegantes:

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do **terreno**
Em que naceram, sempre desejado: (X,144)

[Grifos nossos]

Ora, que **desejo** é este que se manifesta primeiramente em relação à *parte Oriental*, mas que, noutro momento, se diz *sempre* direcionado ao *terreno em que naceram* os mesmos **viajantes**: a *parte Ocidental*? Se o **desejo** *sempre* esteve direcionado à **terra Ocidental**, então, no momento em que se dirigia ao *Oriente*, também apontava para o *Ocidente*. Assim, podemos supor que houvesse, desde *sempre*, talvez maior que o **desejo** de chegar ao *Oriente*, o de retornar ao *Ocidente* (para gozar, na **terra** pátria, os prêmios arduamente conquistados no **mar**). Por outro lado, o **desejo** que move a **viagem** de retorno ao *Ocidente* não teria justificativa se de lá nunca tivessem saído os **viajantes**. Desta forma, não se **desejaria** o *Ocidente* se não se **desejasse** o *Oriente* e vice-versa; constatação esta que nos pode levar a reconhecer uma unicidade, ao menos literária, em relação às **terras**, quando vistas a partir do **desejo** que impulsiona o movimento da viagem, como procuraremos desenvolver adiante.

A **viagem** é, portanto, o movimento que se faz de uma a outra **terra**, impulsionado pelo **desejo**, que nela se extravasa. Entretanto, a **viagem** não se efetiva nem na **terra Ocidental** nem na *Oriental*, pois a uma e a outra se dirige, indo ao *Oriente*, para retornar a Portugal. Temos, então, duas **terras** opostas (*Oriente* e *Ocidente*), e um terceiro lugar no qual se realiza a **viagem**: o **mar**.

A posição do **mar** em relação às **terras** é nitidamente explicitada na *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa:

Deus quiz que a **terra fosse toda uma**,
Que o **mar unisse**, já não separasse. (Pessoa, 1969, p. 78)
[Grifos nossos]

É este o **mar camoniano**, o **mar moderno**: o **mar** que, outrora **medieval** – intransponível – separava, a partir da época de Camões, e de *seu* Vasco da Gama, deixou de ser a muralha que era e passou a configurar-se como um elo, um caminho para todas as **terras**, desde então unificadas pelas grandes navegações ultramarinas. As invenções náuticas³ e o pensamento político da época convergiram para tornar o **mar** um outro lugar possível de se estar, além da **terra**, deslocando a diferença **medieval terra/terra** para a **moderna terra/mar**. As **terras** unificam-se, então, enquanto lugares estáticos e o **mar** delas difere enquanto lugar da **viagem**. A dicotomia **moderna terra/mar**, entretanto, nos pode conduzir a apostar numa lógica aparentemente perfeita na qual o **acabamento** do **mar** coincide geograficamente com o **começo** da **terra** e vice-versa, como podemos perceber na justaposição das seguintes passagens d'*Os Lusíadas*:

³ Em menos de cem anos as embarcações transformaram-se tornando possíveis as viagens que transformariam o mundo, como veremos adiante. Em 1415, a **barca** media doze metros de comprimento, tinha o casco achatado e a vela quadrada, que só navegava com vento em popa. A **caravela** surgiu em 1440, com quinze metros, casco fundo e velas triangulares, que podiam navegar até com vento contrário. Em 1487, surgiu a **nau**, medindo vinte e quatro metros de comprimento, casco mais aprofundado que o da caravela e uma combinação de velas quadradas e triangulares. Desde 1300, em Portugal, tinha-se o conhecimento da **bússola**, uma agulha imantada posicionada sobre a rosa-dos-ventos, introduzida pelos mouros, mas cuja origem provém de tecnologia chinesa. O **astrolábio**, que informava a distância das embarcações em relação a seu ponto de partida, bem como a hora e a latitude em que se encontravam, foi inventado em 1450. Dez anos depois, cerca de 1460, surge o **quadrante**, uma espécie de astrolábio orientado a partir da estrela Polar.

Eis aqui, quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano: (III, 20)

Vimos a parte menos rutilante
E, por falta d'estrelas, menos bela,
Do Pólo fixo, **onde inda se não sabe**
Que outra terra comece, ou mar acabe. (V, 14)
[Grifos nossos]

Isolamos, agora, apenas os dois notórios versos, um de cada estância destacada: *Onde a terra se acaba, e o mar começa* e *Que outra terra comece, ou mar acabe*. O primeiro refere-se diretamente à posição geográfica de Portugal, que representa a **terra Ocidental**; o segundo aponta para a perspectiva que se tem de um outro lugar, o qual *inda se não sabe* qual seja por ainda não se ter lá chegado, sendo ainda desconhecido. Entretanto, não importa qual seja esta **terra** (*Oriente* ou não), será certamente o limiar do lugar marítimo.

A dúvida sobre a **terra** onde chegariam levá a concluir que o *Oriente* e o *Ocidente* não seriam as únicas possibilidades de chegada; logo, concluímos: há mais **terras** além das duas já citadas. O paradigma formado pela soma de todas as **terras** convém ser compreendido como aquele que, contendo as posições extremas (*Oriente* e *Ocidente*), representa metonimicamente a sua totalidade exata: o **mundo**, sem falta ou excesso – para além do qual não há **terra** alguma e no interior do qual não há nada que não sejam **terras**. Se, para que se tenha a certeza de que determinado lugar é ou não uma **terra**, é preciso que lá se tenha chegado, e é consequência da chegada o mapeamento do lugar onde se chegou, então, o **mundo** é o conjunto das **terras**, que, por serem **terras**, terão sido anteriormente mapeadas.

O **desejo**, que é a origem de todo o raciocínio até aqui desenvolvido, mascara sucessivamente o seu sentido: *Oriente* e

Ocidente. O que poderia passar por contradição revela-se claro, nítido e coerente nas passagens que se seguem. Primeiramente, verifiquemos a exposição sucinta, por isto selecionada, de Nicola Abbagnano sobre a *vontade de potência*, largamente abordada na filosofia nietzschiana:

[...] a vida é *vontade de domínio* ou de *potência* [desejo]: vontade que não conhece variações sazonais nem remissões e que por isso cria máscaras [terras para onde aponta] a fim de poder atuar. (Abbagnano, 1990, p. 15)

A partir desta citação, vemos que tais **terras** funcionam apenas como metáforas operacionais. Entretanto, sem firmar tais direções, torna-se impossível *atuar*, ou *viajar*, ficando, metaforicamente, a nau estática. Em outras palavras, quando não se aponta para alguma **terra** é porque já se está em **terra**.

Apesar da necessidade da **escolha** de uma **terra** para onde se possa realizar a **viagem**, Álvaro de Campos, no *Opiário*, enuncia poeticamente a consciência da superficialidade destas **terras** em relação ao **desejo**:

Eu acho que **não vale a pena** ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.

A terra é semelhante e pequenina

E ha só uma maneira de viver. (Pessoa, 1990, p. 57)

[Grifos nossos]

Certamente, nestes versos, o poeta traça um juízo acerca da mitificação d'*Os Lusíadas* (ou da própria viagem histórica), que reduz o **desejo** que a moveu apenas à **terra** aonde chegou: o *Oriente*, como uma máscara a se confundir com o próprio rosto. O verso *A terra é semelhante* exigiria um complemento: semelhante a quê? Desta forma, acreditamos tratar-se de uma sinédoque do plural pelo singular para garantir a rima (China / pequenina). Podemos então ler da seguinte forma: *As terras são semelhantes (= a terra fosse toda uma, verso de Mensagem)*; é o

desejo que funda a diferença na necessidade da **escolha** do sentido a ser tomado. O importante não é a **terra** a que se chega, mas sim o fato de ter **viajado** pelo **mar**, que unifica as **terras** por meio do **desejo**. Então, o *Oriente* camoniano é apenas uma **terra**, que possui o seu valor, não pelo comércio e/ou pela colonização que lá se fez, mas pelo **desejo** que encontra substância em sua direção e sentido, como nos mostra a seguinte passagem de Jorge Fernandes da Silveira:

O Camões que me move é o autor **entre pólos** [terras] **extremos** que, no entanto, são, à sua maneira, **não-pletos nem definitivos**. (Silveira, 1994, p. 7)

[Grifos nossos]

Donde se conclui que considerá-los **pletos** e/ou **definitivos** seria paralisar o **movimento** da **viagem** no momento de sua chegada. As **terras** são estáticas, quem se move é o **viajante**. Seguindo a indicação que este mesmo autor nos faz no texto do qual tiramos a citação anterior, coloquemos, frente aos versos enunciados por Pessoa no *Opiário*, os que se tornaram célebres na *Mensagem*:

Valeu a pena? **Tudo vale a pena**

Se a alma não é pequena. (Pessoa, 1969, p. 82)

[Grifos nossos]

Ora, ir ao *Oriente* passa a valer *a pena*, como *tudo*, dada uma condição: *se a alma não é pequena*. O ataque à postura reductora, enunciado no *Opiário*, ganha aqui a instrução pedagógica da consciência que se deve ter para que a **viagem** a qualquer **terra** passe a *valer a pena*. Não ter a *alma pequena*, se a *terra é pequenina*, significa logicamente ter a *alma* ou a consciência para além da **terra**, do **mundo**: em **alto mar**, como o próprio Camões define o lugar de sua **viagem** literária:

Vosso favor invoco, que **navego**

Por alto mar, com vento tão contrário,

Que se não me ajudais, hei grande medo,

Que o meu fraco batel se alague cedo. (VII, 78)

[Grifos nossos]

Segundo António José Saraiva, o adjetivo *alto* – que ocorre 102 vezes no decorrer d’*Os Lusíadas* (Cunha, 1980) – possui o sentido de valor, contando com os seguintes sinônimos: *subido*, *sublime*, *sublimado*, entre outros (Saraiva, 1980, p. 49). Podemos, então, perceber que há uma nítida diferença entre duas idéias distintas sobre o **mar** no qual se realiza o **movimento de viagem**. À primeira chamaremos **terrestre** ou **medieval**: aquela que vê o **mar** apenas como uma passagem, uma via que propicia a concretização de interesses em **terras** distantes. Para esta consciência, *Oriente* e *Ocidente* diferem por meio da lógica da troca. Esta é, portanto, a consciência do **mar** visto da **terra**, do lugar de onde o **mundo medieval** podia vê-lo e por meio da qual o lugar marítimo é considerado apenas uma ponte de ligação entre as **terras**; e uma ponte é **terra**, não **mar**. À segunda chamaremos **alto mar** ou **moderna**: aquela que percebe que as **terras** são apenas metáforas operacionais do lugar para onde realmente tende o **desejo**, e que nos permite arriscar: tudo vale a pena em **alto mar**!

Mas não há dúvida de que esta diferença de perspectiva apresenta-se incompleta. Certamente, com os elementos até aqui abordados não há ainda como compreender o que poderia estar para além das **terras**, permanecendo ainda sem resposta a questão que moveu todo o raciocínio até aqui desenvolvido: **desejo** de quê? Desta forma, que tal questão continue a nos mover. Sigamos, então, recorrendo a Eduardo Lourenço, quando analisa primorosamente a posição aqui denominada **alto mar** ao atualizar, para o pensamento que concebemos por **moderno**, a idéia de **ética**:

... na esfera fundadora do propriamente humano, se primazia existe, deve ser conferida à **Ética**. Não como “ciência do Bem e do Mal” de tão terrífico eco, no texto bíblico e no texto da aventura humana, mas como Enigma incondicional e inesgotável, **enigma que devemos decifrar para aceder à condição humana, mas decifrar por uma escolha que nos inventa no ato de escolher e em si mesma permanece indecifrável**. (Lourenço, 1994, p. 186)

[Grifos nossos]

Nesta bela passagem, encontramos ao mesmo lançar de olhos o desfecho das questões anteriormente desenvolvidas e o desafio de arremessarmo-nos, dando mais um passo. Decifrar o *Enigma* por meio da **escolha** significa tomar uma direção, definir uma **terra** e pôr-se em **viagem**. A **escolha** do *Oriente* como a **terra** que dará substância ao **movimento desejante inventa**, neste ato, o **viajante**. Escrever *Os Lusíadas* inventou o maior Poeta da língua portuguesa, como se pode perceber nas palavras do próprio: “Trabalhos nunca usados me inventaram” (VII, 81).

Entretanto, trata-se apenas de uma **escolha**, a opção por uma metáfora inteligível do *Enigma* que permanece *indecifrável*. É, portanto, o **mar moderno** o lugar **ético** em que este *Enigma* se apresenta e onde se faz a **escolha** da **terra** a ser apontada. Entretanto, a não consciência de que o **desejo** transcende a **terra escolhida** gera o discurso religioso, mitificador, ideológico, **medieval** ou, simplesmente, **moral**, que navega no **mar terrestre** e para o qual a **terra** passa a estar acima do **movimento desejante** que a **escolheu**.

Entre Camões e o seu projeto criador há (...) um mundo autônomo, ressuscitado e recriado, uma espécie de *hipótese cultural*, representativa de uma sensibilidade, de uma **ética**, de uma visão da beleza, **estrangeiras ao mundo da experiência espontânea** ou a-histórica da **Idade Média**. (Lourenço, 1983, p. 32)

[Grifos nossos]

Ora, neste passo, o autor nos revela as características diferenciais que apartam Camões do imaginário cultural da Idade Média. Este *mundo autônomo, ressuscitado e recriado* não é outro senão o mundo *renascido* do século XVI. Há, pois, emergente e evidente em Camões, a passagem da cultura **medieval** para a **moderna**. Dentre os substantivos (bastante vagos) estranhos *ao mundo da experiência espontânea da Idade Média*, destaca-se, mais uma vez, *uma ética* — o mesmo significante, retirado do mesmo autor.

Desta forma, temos uma nítida divisão entre a *ciência do Bem e do Mal, de tão terrífico eco no texto bíblico e no texto da aventura humana*, que se orientava e se adequava à mundividência **moral medieval**, e à **ética** que seria um *Enigma* renovado a cada nova experiência, orientado, não a partir de princípios **morais** preconcebidos e preestabelecidos, mas de acordo com cada conceito particular, estabelecido ou oferecido. De certa forma, podemos dizer que a **ética**, ao contrário da **moral**, em si mesma, não contém qualquer resposta, mas é o mecanismo que, quando acionado, pode responder a qualquer questão, pois abarca, em sua própria essência, as dimensões polares, medievalmente apartadas. Sobre o Renascimento, em que se dá a passagem de uma a outra forma de pensamento, recorramos, por mais este passo, a Jorge Fernandes da Silveira, ao fazer referência a certa *revolução camoniana*⁴:

Quero dizer: em contrariedade com o **mundo antigo**, em

⁴ Sobre o que concebemos por revolução, cf. Menezes (1991, p. 12), em que o autor disserta a respeito da Revolução Francesa: “De um lado, o que se concebia como sendo aquilo que se era; de outro, a emergência que afastava e impossibilitava ser o que se fora. Muitos morreram, e muitos continuarão morrendo, quase sem disso se darem conta. Simplesmente não foram contemporâneos de sua época. Ser contemporâneo de sua própria época não é fácil.” Talvez por esta razão, por ter indubitavelmente sido *contemporâneo de sua própria época*, tenha faltado ao homem Luís Vaz de Camões tanto o alimento para mantê-lo vivo, quanto o lençol em que se amortilhasse seu cadáver.

que os diferentes conteúdos das matérias eram distribuídos em continentes rigorosamente distintos, surge um tempo, ainda indistinto, onde os componentes de cada objeto conjugam dialeticamente, numa única forma, as suas forças contrárias. (Silveira, 1986, p. 41)
[Grifos nossos]

Mas, dentro da conceituação deste trabalho, a qual pretendemos aproximar ao máximo da d’*Os Lusíadas*, que *Enigma* seria este, por meio do qual podemos conjugar forças contrárias, senão: para onde tende realmente o **desejo**? Sim, este *Enigma* é indecifrável, entretanto, busquemos a compreensão de sua indecifrabibilidade.

Pensemos, então, sem os vícios que séculos de história nos impõem, na **viagem** do Gama poetizada por Camões. O **mundo** que se apresentava antes da **viagem** não compreendia a **terra Cabo Tormentório**, que passou a fazer parte deste depois de sua realização. É impressionante constatar como a história da literatura, neste momento, se confunde com a história do homem, como podemos comprovar nesta passagem de T.S. Eliot:

A ordem existente [mundo] está completa antes da chegada da nova obra [terra]; para a ordem persistir após o advento da novidade, toda a ordem existente deve ser, ainda que muito levemente, **alterada**; e assim as relações, proporções, valores de cada obra de arte em relação ao todo são reajustadas; e isto é a conformidade entre o velho e o novo. (Jobim, 1996, p. 87)

[Grifos nossos]

Basta comparar um *mapa mundi* anterior à **viagem** de Vasco da Gama (**medieval**) e outro posterior (**moderno**, modelo bem próximo ao que, ainda hoje, adotamos) para se compreender este processo.

De fato, o mundo era muito mal conhecido. Embora frequentadas por alguns navegantes e comerciantes, a península indiana e as ilhas do Oceano Índico eram mal representadas. Ignoravam-se as costas onde acabava Catai e não se sabia onde terminada o "mundo" no Oriente.

A África só era conhecida até os limites do Atlas; ignorava-se tudo sobre as nascentes do Nilo e sobejavam conjecturas fantasiosas sobre este assunto; imaginava-se que a África era um continente minúsculo, inteiramente situado acima do Equador, no Hemisfério Norte, e nada se conhecia de suas costas ocidentais até as navegações portuguesas, em torno de 1434.

Não se desconfiava da existência de outro continente "entre as costas ocidentais da Espanha e as costas orientais da Índia": essa "lacuna" explica por que Colombo jamais quis admitir que descobrira um "novo mundo"! (Klaper, 1994)

Havia, então, um **mundo**, que se alterou depois da mencionada **viagem**. Se considerarmos o **mundo** como o conjunto de todas as **terras** mapeadas, no qual o *Cabo Tormentório* ainda não era incluído, onde estaria então esta **terra** se não no **mundo**, que é o conjunto de todas as **terras**? Temos, então, que o *Cabo Tormentório*, situado ao extremo sul do continente africano, por ainda não ter sido mapeado, não fazia ainda parte do **mundo**; donde se conclui que o homem **medieval** não podia ter a certeza de que seria uma **terra**, conseqüentemente mapeável. A incerteza do momento em que avistaram o *Cabo Tormentório* se revela claramente na estância já citada, que agora retomaremos:

Vimos a parte menos rutilante
E, por falta d'estrelas, menos bela,
Do Pólo fixo, onde inda não se sabe
Que outra terra começa; ou o mar acabe. (V, 14)

[Grifos nossos]

Quando Camões enuncia *onde inda não se sabe / Que outra terra comece, ou o mar acabe*, evidencia-se uma dúvida fundamental: *que outra terra comece* pressupõe que o **mar** acabe e vice-versa; entretanto, a conjunção *ou* quebra esta lógica, pois indica a possibilidade de o **mar** acabar e nenhuma outra **terra** começar. Neste momento, a **viagem** defronta-se com o imapeado, que poderia vir a ser mapeado, como foi, mas que também poderia revelar-se imapeável, como se acreditava no período **medieval**, que "agonizava" naquele momento. Sendo mapeável, passaria a fazer parte do **mundo**. Sendo imapeável permaneceria para além do **mundo**. Mesmo assim, a **viagem** prossegue como que no impulso de desafiar o desconhecido. O resultado foi a descoberta de uma nova **terra** e o conseqüente alargamento do **mundo** para a sua inclusão; como podemos ler em *Mensagem*:

Ó **mar anterior a nós**, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos. (Pessoa, 1969, p. 78)
[Grifos nossos]

Entretanto, esta certeza não se podia ter antes de se ter lá chegado, o que leva a concluir que, sendo o destino mapeável ou não, a **viagem** não se interromperia. Chegariam àquele lugar de qualquer maneira, ou seja, dispuseram-se a morrer, se necessário, pois enfrentaram a possibilidade de chegar ao imapeável, aonde não poderiam chegar vivos, já que, se lá chegassem, o mapeariam; feito este que é, por lógica, impossível. A **viagem** prossegue, portanto, ainda que seja rumo ao **naufrágio**, que representaria a manutenção do **mundo medieval**. Não podem, portanto, ser senão imortais

[...] aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando. (I, 2)

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos dizer que, se para mapearmos determinada **terra** é preciso que nela cheguemos, por lógica, o imapeável constitui-se o lugar aonde não se

pode chegar, que esteja, portanto, para além das **terras** e de seu conjunto: o **mundo**. Tal “lugar” é indicado na seguinte estância:

Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superfície tão limada,
É Deus, mas o que é Deus ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.
(X, 80)

[Grifos nossos]

É este o **Deus** camoniano. É este o *Enigma* enunciado por Eduardo Lourenço. Se as **terras** mapeadas e as imapeadas equalizam-se como mapeáveis, e o **desejo** tem-nas como apenas máscaras de seu verdadeiro sentido, então só pode ser para este **Deus** enquanto *indecifrável*, imapeável, inalcançável, que se dirige verdadeiramente o **desejo**. É este o **desejo** que leva o homem a *decifrar os vedados* (imapeados) *términos* no percurso que traça na busca do que não pode *decifrar*. Foi o *fogo de altos desejos* que moveu os **lusiadas** (os lusitanos, os portugueses) a enfrentarem o imapeável **medieval**, “roubarem” o *Cabo Tormentório* do imapeado, onde estava, e o trazerem para o **mundo** dos homens, a partir de então, geograficamente **moderno**. Torna-se, pois, absolutamente justificado o verso: “E se mais **mundo** houvera lá chegara” (VII, 14) [Grifo nosso].

Chegaram aonde não havia **mundo**. Alteraram o **mundo** para incluir a **terra** aonde chegaram. E só não chegaram a **Deus**, pois, se chegassem, não seria **Deus**. Como disse Pessoa na *Mensagem*:

Só encontrará de **Deus** na eterna calma
O porto **sempre** por achar. (Pessoa, 1969, p. 79)

[Grifos nossos]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Nomes e temas da filosofia contemporânea*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões — o épico*. Lisboa: Presença, 1995.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice analítico do vocabulário d'Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980: verbetes utilizados: desejado, desejar, desejo, desejoso.
- _____. _____. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980: verbete utilizado: alto.
- JOBIM, José Luís. *A poética do fundamento*. Niterói: EDUFF, 1996.
- KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo*. Lisboa: Presença, 1994.
- _____. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- MENEZES, Aluisio. *Haver narcisismo*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991.
- PESSOA, Fernando. Mensagem. In: GALHOZ, Maria Aliete (org.) *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.
- _____. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: INCM, 1990.
- SARAIVA, Antônio José. *Estudos sobre a arte d'Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva, 1995.
- SILVEIRA, Jorge F. da. Discurso/Desconcerto In: _____. *A palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1994.
- _____. O que move o amor na poesia de Camões. In: *Quinto Império*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986.